

Reaprendendo com a Geopolítica*

*Manuel Cambeses Júnior***

As grandes transformações que ocorreram no mundo nas duas últimas décadas, dentre as quais tem um grande peso a expansão universal do espaço cibernético, carregaram, como consequência natural, notáveis transformações na geografia humana no planeta. Mudanças que se traduzem em uma reinterpretação histórica da Geopolítica e no questionamento de muitos de seus pressupostos, os quais eram conceituados de forma determinística pelo discurso clássico das ciências políticas.

Denominamos de Geopolítica a ciência que pretende interpretar os fenômenos que permeiam a política nacional ou internacional no estudo sistemático dos fatores geográficos, econômicos, raciais, culturais e religiosos. Desde a criação do termo pelo renomado geógrafo sueco Rudolf Kjällén, em 1916, em seu famoso livro em que consagra o Estado como organismo vivo, a Geopolítica desenvolveu seu conceito básico segundo o qual os Estados possuem muito das características dos organismos vivos. Ao mesmo tempo, anunciava-se a ideia de que um Estado teria de crescer, expandir-se ou morrer dentro das “fronteiras vivas”. Em virtude disso é que tais fronteiras têm uma natureza dinâmica e são suscetíveis a mudanças. A Geopolítica é uma ciência que, por intermédio da Geografia Política, da Geografia Descritiva e da História, estu-

da a causalidade espacial dos acontecimentos políticos e seus futuros efeitos.

A Geopolítica teve grande aceitação na Alemanha, no alvorecer do século XX, e atingiu grande difusão durante a primazia do regime nazista. O General alemão Karl Haushofer modernizou a Geografia Política, utilizando-a como instrumento que justificasse a expansão da Alemanha durante o III Reich e desenvolvendo as teorias do espaço vital do geógrafo alemão Friedrich Ratzel (*Lebensraum*), apoiadas pelo professor sueco Rudolf Kjällén. Países como a Rússia, a China e o Japão também deram grande importância a esta ciência durante os anos 30 e 40 do século passado, como meio para atingir o poder global. A utilização propagandística da Geopolítica acarretou, após a derrota alemã na Segunda Guerra Mundial, seu descrédito e esquecimento, sobretudo no âmbito acadêmico. Não obstante, alguns segmentos, principalmente militares e diplomatas, seguiram interessados por este ramo da Geografia, na qual se podiam ler os acordos explicitados na Conferência de Yalta, onde ditaram as premissas ordenadoras do mundo pós-guerra e que, certamente, moldaram os paradigmas mantenedores da Guerra Fria.

Entretanto, as condições que emolduravam o conflito Leste-Oeste e os ideais democráticos do mundo ocidental fizeram modificar substancialmente seus fundamentos e objetivos. Daí se originaram novas teorias emanadas por potências como Inglaterra, França e Estados

* Colaboração do autor.

** O autor é Coronel-Aviador e historiador.

Unidos, que se orientaram basicamente a exercer o controle em determinados espaços terrestres e marítimos considerados chaves, o que se materializa por meio de uma gravação estratégica e econômica, sem necessidade de perpetrar uma anexação territorial do tipo formal. A expressão prática desta visão está consolidada no Tratado de Defesa do Atlântico Norte (Otan) e foi sobejamente testada com a crise dos mísseis, ocorrida em 1962. Fica bastante claro que, sem os parâmetros ordenadores da Geopolítica, o mundo teria sido arrasado por uma hecatombe nuclear.

Após a Queda do Muro de Berlim, que pôs fim à Guerra Fria, a Geopolítica retomou o interesse perdido e voltou a crescer ao amparo das tensões internacionais surgidas com o desmembramento da União Soviética. É nesse cenário que emergem os Estados Unidos como a superpotência única, sem contrapesos imediatos. Esta situação os incentiva a iniciar o desenvolvimento de uma política de poder tendente ao

controle do mundo e que tenta legitimar sobre as bases de ser o vencedor da Guerra Fria e de sua superior qualidade econômica, cultural e militar. Dissipa-se assim o tradicional conflito Leste-Oeste e começam a ser mais notórias as diferenças no que concerne a níveis culturais e de desenvolvimento do eixo Norte-Sul.

O Estado-Nação continua sendo o elemento básico do sistema internacional que aglutina a identidade nacional, a coesão de um povo e mantém a sua soberania. Entretanto, já não constitui o único ator relevante, e a soberania muitas vezes deve subordinar-se à conveniência de acatar as regras impostas pela globalização. No cenário atual surgem novos e atuantes atores. Entre estes podemos enumerar os blocos econômicos regionais, as reagrupações de Estados objetivando a defesa mútua, as grandes empresas multinacionais e as organizações não governamentais. Entretanto, a Geopolítica segue vigente, com novos atores e cenários, porém em franco desenvolvimento. ●



Editorial 2009

Coleção General Benício

NÃO SOMOS RACISTAS

Ali Kamel – coedição/Nova Fronteira

Obra atual, a despeito de seu caráter bastante polêmico. É pautada em consistente documentação e coerente argumentação. Distingue-se pelo grande valor para o reequacionamento dessa questão seriíssima que não pode ser analisada de forma maniqueísta, emocional ou manipuladora.